



Comunicação COVID19

Ponto de situação 29 de junho

Casos Confirmados

41.912 CASOS DE COVID-19

MAIS 266 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 0,63%

Óbitos

1.568 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 4 VÍTIMAS MORTAIS (+ 0,25%)

NORTE-817

CENTRO-248

LISBOA E VALE DO TEJO-468

ALENTEJO-5

ALGARVE-15

AÇORES-15

MADEIRA-0

Outros dados

27.205 CASOS DE RECUPERAÇÃO

1.498 AGUARDAM RESULTADOS

13.139 CASOS ATIVOS

(Confirmados Menos Recuperados e Óbitos)

489 INTERNADOS (1,16%) / 71 UCI (0,16%)

Seg. 29 junho

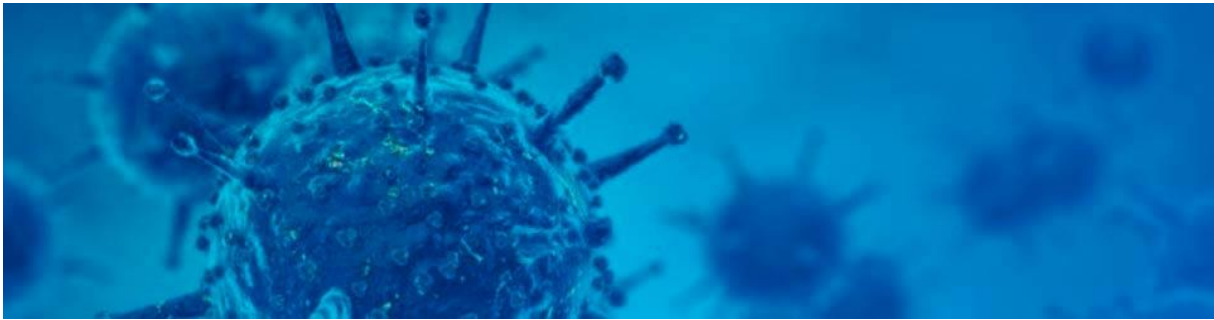
Confiança dos consumidores e clima económico prosseguem recuperação parcial em junho - INE

Covid-19: Sentimento económico com maior subida mensal em junho na zona euro e EU.

Portugal falha meta de redução da disparidade salarial entre homens e mulheres há quase 20 anos.

Portugal entre os três países da OCDE com menos cuidadores formais por cada 100 idosos.

Brexit: Nova ronda presencial de negociações hoje em Bruxelas.



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



(Edição papel) Construção impotente para travar contágios no trabalho clandestino. Como a covid-19 acelerou até aos dez milhões

de infetados no mundo. Portugal falha redução da disparidade salarial entre homens e mulheres. Conselho da Europa adverte Portugal por violar compromisso de promover igualdade de género nos salários. Medidas adotadas são positivas, mas não chegam. A pandemia contaminou as democracias? Sim, em 82 países. Medidas musculadas levam a retrocesso. Portugal sem sinais de perigo. "Empresas que dão prejuízo não devem ser ajudadas". O gestor Carlos Moreira da Silva olha para Portugal depois da pandemia. Eurovisão, *fake news* e extrema-direita no teatro Nacional. Entrevista Encenador Tiago Rodrigues fala da experiência de ir ao teatro hoje. **(Online)** A "rachadinha" de Flávio pode ser uma machadada no "bolsonarismo". As investigações sobre um esquema de corrupção a envolver o filho mais velho do Presidente brasileiro estão a fragilizar Bolsonaro e expõem laços da família ao submundo do crime do Rio de Janeiro. Trump nega ter sabido de "prémios" russos pagos a afegãos por matarem militares dos EUA. Discussão sobre como responder a revelação dos serviços secretos dos EUA ocupa há meses a Administração, diz o New York Times, que deu a notícia. Santa Clara vive em Oeiras, confinado numa "casa" de luxo. PCP avisa Governo de sérios problemas se não contar com as suas propostas no Orçamento. CP triplica número de carruagens a comprar a Espanha. Em vez de 16, a CP vai comprar 51 carruagens à sua congénere Renfe. Custam 1,6 milhões de euros e algumas estarão a circular dentro de três meses. Primeiro-ministro francês eleito presidente de câmara, numas eleições de grande abstenção. Ecologistas conseguem várias cidades grandes, e extrema-direita conquista

Perpignan. Fala-se insistentemente numa remodelação governamental. Acusados de homicídio sete dos oito arguidos do caso Giovani em Bragança.



(Edição Online) Surto no IPO de Lisboa colocou mais de 70 profissionais em quarentena preventiva. O foco da infeção no serviço de hematologia detetado há duas semanas colocou médicos, enfermeiros e assistentes operacionais de vários serviços em isolamento. Esta situação, associada às férias de outros profissionais, está a fazer que enfermeiros de outros departamentos estejam a ser transferidos para aquele serviço de forma a assegurar os cuidados aos doentes. Putin não quer "procurar sucessores" e Rússia vota reforma constitucional. 457 novos casos de covid em Portugal. Pior registo desde que o país desconfinou. Maçonaria. "Bases" do GOL travam desconfinamento. Cocaína. A droga que já foi da elite é a que mais circula em Portugal. Ministério da Economia. Gabinete de estudos admite aumento de impostos. Novo disco de Carlão e Beatbombers. "Não passam aviões em Campolide e Almada ficou distante". Amanda Anisimova. A nova Sherapova tem sangue russo e um contrato de cem milhões. **(Online)** Esta foi a semana com mais casos diários desde o desconfinamento. Cocaína. A droga que já foi de elite é a que mais circula em Portugal. O aumento da produção e a redução do preço estão na origem da explosão nas apreensões de cocaína em Portugal. Em 2019 foram 10 toneladas (um aumento de 75% face a 2018), mas só nos primeiros meses de 2020 a PJ contabiliza já mais de seis. Trump publica vídeo de apoiante a gritar "poder branco" e depois apaga.



(Edição papel) Grande Lisboa sem coordenação entre hospitais. Não há reuniões desde o início da pandemia. Covid 19. Capital já tem mais casos do que a Grécia. Tragédia na Costa - Exame atrasa justiça para mortes na praia. Juiz: Azeredo. "Perverso e doentio". Isabel dos Santos constrói mansão de luxo no Algarve. Parlamento. Ex-combatentes com transportes grátis. Apelo de vendedores. Apoio ao abate de 25 mil carros velhos. Lamego. Baleado na cara em guerra de terrenos. Ajuntamento. PSP chamada a programa da TVI. Dia grande na Liga. Lage e Sérgio trocam elogios. Vidas. artista emocionada com onda de apoio. Mulher de Pedro Lima agradece.



(Edição em papel) Produção de máscaras sofre rombo por falta de novas encomendas. Mercado português saturado e exportação é tarefa quase impossível. Recuperação do têxtil é lenta e teme-se vaga

de fechos no final do verão. Meio milhão aderiu à rede social da moda durante a quarentena. Aplicação TikTok cresce no nosso país pela mão dos jovens. Facebook continua a ser a maior plataforma. Adversários, mas não inimigos preparam jornada crucial. Superior. Pandemia mais do que duplica pedidos de bolsa de estudo. Estudantes exigem menos burocracia nas candidaturas. Carros elétricos. Apoios do Estado a esgotar. Braga. Burla a clientes leva advogada a julgamento. Rio Ave. Sistema inteligente deteta descargas.



(Edição em papel) A grande balbúrdia. PSP mada encerrar esplanadas e restaurantes sem poder fazê-lo. Restaurantes com zona ao ar livre

podem servir bebidas para acompanhar a comida depois das 20 horas. Só não podem é aceitar clientes depois das 23. Ordens escritas das chefias policiais confundem agentes. Governo determina encerramento dos casinos do Estoril e de Lisboa às 20 horas a partir do dia 1. Sardinha. Portugal vai poder pescar mais de 12 mil toneladas este ano. Covid-19. Maior aumento diário de casos confirmados desde 8 de maio. Entrevista a Hugo Xavier, cofundador da E-Primatur "O pós-25 de abril levou à falência uma série de editoras". Covid-19. Maior aumento diário de casos confirmados desde 8 de maio. Caixas solidárias. Moda portuguesa chega ao Brasil, Espanha e Nova Zelândia. CDS quer mais apoios a nadadores-salvadores e concessionários.



(Edição em papel) Pandemia suspende revisão dos coeficientes do IMI.

Proposta com novos valores foi concluída e chegou a ser enviada para o Ministério das Finanças. Covid-19 travou processo e agora não há

calendário para recomeçar. Em Lisboa iriam subir. Reformados vão ter IRS corrigido, mas sem direito a juros. Carros usados estão a ter recuperação mais rápida. Edmundo Martinho: "A ideia de que o pior já passou não é verdade". Provedor da Santa Casa revela que Hospital da Cruz Vermelha "precisa de recapitalização forte". Investidpr

privado. Os seguros que dão proteção no desemprego. Sondagem. Portugueses evitam restaurantes com medo de contágio. Tesla é a Amazon dos veículos elétricos. Direito de resposta do gabinete do primeiro-ministro. **(Online) Marques Mendes diz que acordo na TAP está iminente. Marques Mendes: A credibilidade do Ministério Público vai-se esvaziando.** Concelho de Lisboa já tem mais casos de covid-19 do que a Grécia. Empresa de mineração provoca “poluição sem precedentes” no Ártico russo. Conselho Nacional do CDS-PP aprova contas “preocupantes” de 2019.



(Online) Avaliação das casas atinge novo máximo. Está nos 1.114 euros metro quadrado. PS quer proibir apoios no futuro para

empresas em offshores. João Paulo Correia: “Não vejo que Centeno tenha de pedir escusa” por causa do Novo. João Paulo Correia: “Muitas das propostas dos partidos violam a norma-travão”. Acordo na TAP entre Estado e privados está iminente, revela Marques Mendes. Corrida às bicicletas acaba com “cheques” para as elétricas. Nas últimas semanas dispararam os pedidos. Tinham sido disponibilizados 1.000 “cheques” para as “duas rodas”, mas já há 1.060 pedidos só para bicicletas elétricas. UGT pede medidas excecionais para o desemprego no Algarve. Juro de 4% e amor à camisola pode dar milhões ao Benfica. Venda de dívida arranca hoje.



(Online) Recuperação do indicador de sentimento económico na zona euro acentua-se em junho. Braga da Cruz: “As medidas socioeconómicas têm que ser adaptadas a cada região”. Altice

disponível para continuar a fornecer SIRESP após junho de 2021. Instituto Superior de Engenharia de Coimbra acolhe laboratório da Altice. Marques Mendes: Estado e acionistas privados da TAP estão reunidos e um “acordo está iminente”. Covid-19: faca de dois gumes para a economia verde. “O Comité Central do PCP decide a apresentação de uma candidatura própria às eleições presidenciais de 2021”, esclareceu o partido em comunicado. Em 2016, o PCP teve um resultado de 3,94% com o candidato Edgar Silva. IPAM estima audiência de 800 milhões de pessoas na ‘Final 8 da Champions’. Efacec: entre o emagrecimento e o fantasma da insolvência. Fundo de recuperação: o grande salto em frente. CIP queria ver mais medidas fiscais no Orçamento Suplementar, no qual não vê resposta suficiente aos pagamentos em atraso pelo Estado.



(Online) Governo afasta reforço de apoios para carros elétricos. Incentivos para compra de veículos elétricos estão a esgotar-se. Orçamento suplementar prevê investimento em 12 postos de carregamento ultrarrápido. Carregamento grátis de carros elétricos

acaba na quarta. Pandemia retira 21 milhões de receita de portagens. As taxas cobradas nos registos sofreram a maior erosão face a maio do ano passado. Taxas moderadoras e propinas também registam fortes quedas. Há 8,7 médicos e enfermeiros por mil habitantes no SNS Rácio melhorou no último ano, com um aumento em 5,5% no pessoal da saúde. São mais 4.654 profissionais. Atualidade PCP avisa Governo que pode ter "problema sério" no OE. Mais de 40 mil pessoas renovaram Cartão de Cidadão por SMS.



(Online) As 390 mil famílias que pediram crédito à habitação entre 2011 e 2018 podem aproveitar a "guerra de spreads" para poupar milhares de euros mudando de banco. Foi o que fez o

nosso cliente-mistério. Costa sobre Champions em Lisboa: "Jogos vão ter menos público do que nesta sala do Villaret". "A injeção no BES não foi para nos vacinar, foi para combater os vírus que havia no BES", disse ainda o PM, entrevistado no programa "Isto é Gozar com Quem Trabalha", de RAP. Covid-19. Maior aumento de casos em quase 2 meses. OE2020. Governo pode ter "um problema sério", PCP. CDS-PP. Aprovadas contas "preocupantes" de 2019. Santos Silva coordena Fórum Mário Soares. Manifestação contra Jair Bolsonaro junta várias dezenas de pessoas em Lisboa. Durante a pandemia, a China abriu uma embaixada no Quiribáti — para reforçar a influência no Pacífico. Caso Tancos. "Não podemos ser notificados pela televisão!". Presidente do Conselho Regional de Lisboa da Ordem dos Advogados queixa-se da falta de notificação formal à maioria dos advogados, pelo juiz Carlos Alexandre da ida a julgamento dos arguidos. O bicho voltou, porque o bicho nunca foi embora. 100 mil voltaram a ligar-se no Instagram de Bruno Nogueira para quase três horas de direto. Porque saudades, porque Campo Pequeno e porque o bicho, afinal, ainda mexe.



(Online) Covid-19. Quase metade dos portugueses ainda tem medo de comer em restaurantes, aponta sondagem- Intercampus. Costa ironiza sobre o julgamento de Tancos: "[Parece que] o verdadeiro crime é a

recuperação das armas. É tal a originalidade da narrativa". Covid-19. A pior semana em novos casos desde abril. Covid-19. Marques Mendes critica Governo e Direção Geral de Saúde: "Houve facilitismo". TAP: "estamos na iminência de um acordo" entre o governo e os acionistas privados, diz Marques Mendes. Diretores das escolas querem autonomia para decidir próximo ano letivo. PCP formaliza que vai ter candidato presidencial e recusa dar "para peditório" do Chega. Incêndios. Mais 230 Postos de Vigia ativos a partir desta segunda-feira para reforçar vigilância. Dezasseis advogados dos arguidos do caso do roubo das armas de Tancos enviaram um protesto para o juiz de instrução criminal, Carlos Alexandre, por terem ficado a saber da decisão de pronuncia através da comunicação social.



(Online) Número de mortes duplicou em pouco menos de dois meses. Covid-19 já matou mais de meio milhão de pessoas em todo o mundo. Bares ainda sem data para abrir

Efeitos devastadores da pandemia já são visíveis. Queda da receita e aumento da despesa estão a desequilibrar as contas públicas. Estado está a receber menos impostos e aumentar gastos com medidas ligadas ao layoff e à aquisição de equipamentos na saúde. Também a taxa de desemprego disparou em maio com a região do Algarve a ser a mais penalizada. Futuro não é animador, tendo em conta as perspetivas do FMI.



(Online) Corredor aéreo exclui Portugal? 9.500 mortes em África.

Incêndios: Rede Nacional de Postos de Vigia é hoje reforçada. Supremo Tribunal dos EUA decide amanhã sobre declarações fiscais de Trump. Costa 'apupado' nas redes sociais após "disparate" sobre antibióticos.

SÁBADO

(Online) O dia em que 14 crianças ganharam uma família. Levaram berços e camas, montaram quartos novos e renovaram várias vezes o stock de fraldas, leite e roupa. Quando a Mimar decidiu fechar, todas as crianças que acolhia foram viver para casa dos colaboradores da instituição e de famílias voluntárias. Entrevista de vida: "Tive namoradas antes e depois de entrar para o seminário". Foi escolhido pelo Papa Francisco para a diocese de Setúbal e agora eleito pelos seus pares

para a presidência da Conferência Episcopal Portuguesa. D. José Ornelas acredita que a Igreja não pode ficar parada no passado. "Vai cheirar a mofo". Portugal não registava tantos casos de covid-19 numa semana desde abril. Culto da personalidade e extrema-direita discreta na manif do Chega. Covid-19 pode dar origem a diabetes, alertam especialistas. Champions em Lisboa? "Vai ter menos público que o Teatro Villaret", diz Costa.

VISÃO

(Online) À procura das raízes do racismo no país onde “morrem Georges Floyds todos os dias”. Dois brasileiros confrontaram-se com o papel dos portugueses na escravatura ao percorrerem nove países africanos em busca da herança negra do Brasil. Perante as manifestações antirracistas que varrem o mundo, o fotógrafo César Fraga e o historiador Maurício Barros de Castro denunciam o “negacionismo racial” do governo de Bolsonaro. João Tordo: “Teria muito menos apetência por estar vivo se não pudesse escrever”. À procura de bons produtores nacionais ao lado do chefe João Rodrigues. Estudo: Aumento da obesidade infantil relacionado com poluição atmosférica.



(Online) O Bloco de Esquerda defende que devem ser postas imediatamente em circulação, todas as carruagens na linha de Sintra. Na recomendação que fazem ao Governo, os bloquistas defendem também que deve existir um complemento rodoviário de modo a evitar a sobrelotação das carruagens, em especial nas horas de ponta. Já o CDS recomenda que haja uma maior colaboração da Marinha e da Polícia Marítima na vigilância das praias. Baixa na produção de máscaras e de equipamentos de proteção - A produção de máscaras e de equipamentos de proteção por causa da COVID-19, já não é a tábua de salvação para o têxtil português. Portugal chegou a produzir 1 milhão de máscaras por dia no início de maio, mas agora os empresários queixam-se da falta de encomendas e das dificuldades na exportação, o setor têxtil receia o pior. Boris Johnson divulga hoje a lista de países para onde os britânicos podem ir de férias, sem precisarem de cumprir a quarentena de 14 dias ao regressarem a casa. No ano passado, os turistas britânicos representaram quase 20% dos visitantes estrangeiros que passaram por Portugal, mas agora e por causa do aumento de infeções por COVID nas últimas semanas, em especial

na região de Lisboa e Vale do Tejo, Portugal arrisca-se a não ser incluído nos primeiros corredores aéreos para os turistas britânicos. Portugal não está a cumprir as metas europeias para reduzir a disparidade salarial entre homens e mulheres. O Conselho da Europa considera que o país está a violar o compromisso que assumiu há quase 20 anos de promover a igualdade de salários, apesar das medidas que foram adotadas. Greve dos trabalhadores das cantinas, lavandarias, limpeza e manutenção de hospitais. Eleições municipais em França - António Costa, na qualidade de secretário-geral do PS, felicitou ontem à noite os socialistas franceses pela vitória das autarcas socialistas. Associação Zero quer intervenção do Governo português na central nuclear de Almaraz. Anne Hidalgo reeleita na Câmara de Paris com mais de metade dos votos.



(Online) Dois militares portugueses destacados na República Centro africana estão infetados com COVID-19, à Renascença a chefia do Estado-Maior General das Forças Armadas confirma

que estes 2 militares estão assintomáticos e em isolamento, um deles presta serviço no quartel-general da operação de paz da Organização das Nações Unidas e outro pertence à força de reação rápida, há ainda 37 militares a cumprir quarentena por terem estado em contacto com um dos infetados. COVID-19 num lar de idosos em Sintra. COVID-19 nos bombeiros de Queluz. Bloco de Esquerda quer mais carruagens para a Linha de Sintra e a aposta no transporte rodoviário como complemento do comboio. Portugal não conseguiu reduzir a disparidade salarial entre homens e mulheres. Trabalhadores da TAP não ficam sem salários, seja qual for a solução encontrada para o impasse na empresa. Uma garantia dada pelo Governo. As negociações com os acionistas privados sobre o empréstimo de 1200 milhões de euros previsto no orçamento suplementar, ainda decorrem. Corredor turístico com o Reino Unido. O Governo britânico deve revelar hoje a lista de países que vão ser incluídos nos corredores aéreos com o Reino Unido a partir do próximo mês, permanece ainda a dúvida quanto à inclusão de Portugal nessa lista, estes corredores de viagem tem como objetivo permitir que os britânicos possam ir de férias sem precisar de cumprir quarentena de 14 dias no regresso ao Reino Unido. “Devemos ser muito prudentes com as comparações internacionais”, António Costa ao La Vanguardia. PCP vai ter candidato

presidencial. Teatro D. Maria II integra na nova temporada peças que ficaram por apresentar por causa da pandemia.



(Online) Há mais crianças a desaparecer de casa e das instituições em tempos de pandemia. A Associação Portuguesa de Crianças

Desaparecidas diz ter registado mais casos de fugas nos últimos meses, mais casos também que duram mais tempo. É uma situação descrita à Antena 1 por Patrícia Cipriano, da Associação Portuguesa de Crianças Desaparecidas. Dois militares portugueses destacados na República Centro africana estão infetados com COVID-19. Baixa na produção de máscaras em Portugal. Aumento dos pedidos para a concessão de bolsas de estudo. A crise provocada pela pandemia COVID-19 também está a deixar marcas fortes nos estudantes universitários. Nos últimos meses, os pedidos para a concessão de bolsas de estudo deram um grande salto. COVID-19 na Grande Lisboa. Os dados oficiais da Direção Geral da Saúde ontem, trouxeram mais uma subida acentuada de casos de COVID-19 na Grande Lisboa, mais de 440 casos em todo o país 850% deles na Área Metropolitana de Lisboa. Filipe Froes, consultor da DGS, diz que esta situação não é boa. Bloco de Esquerda deixa recomendações para os transportes em Lisboa. Portugal falha na Igualdade de género a nível salarial. Críticas dos advogados dos arguidos do processo de Tancos. Os advogados dos arguidos do caso das armas desaparecidas em Tancos, não gostaram da forma como o juiz Carlos Alexandre anunciou que vão todos a julgamento. Dizem que tinha sido feita uma promessa que acabou por não ser cumprida. Eleições municipais em França. Uma onda verde varreu a segunda volta das eleições municipais em França. Os Verdes conseguiram as presidências de muitas das principais câmaras municipais do país, uma clara derrota para o Presidente Emmanuel Macron.



A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- ❑ **MUNDO. PANDEMIA JÁ FEZ MAIS DE MEIO MILHÃO DE MORTES.**
- ❑ **ESPANHA** regista dois mortos e 118 novas infeções nas últimas 24 horas.
- ❑ **ITÁLIA** regista mais 22 mortos e 174 novas infeções nas últimas 24 horas.
- ❑ **ALEMANHA** regista 262 novos casos de Covid-19 e mais quatro mortes.
- ❑ **REINO UNIDO** regista mais 36 mortos nas últimas 24 horas, num total de 43.550 vítimas mortais, e surgiram mais 901 casos de covid-19 no Reino Unido, totalizando 311.151.
- ❑ **ESTADOS UNIDOS** registam 288 mortos e mais de 38 mil infetados nas últimas 24 horas. País contabiliza 125.768 óbitos e 2.544.169 casos.
- ❑ **BRASIL** Em 28 de junho, dados do Ministério da Saúde apontavam a existência de 1.344.143 casos do novo coronavírus e 57.622 mortes no país.
- ❑ **RÚSSIA** reporta mais 93 óbitos e 6.719 novos casos, ultrapassou esta segunda-feira os 640 mil infetados.
- ❑ **CHINA** põe 400 mil pessoas de quarentena depois de aumento de casos perto de Pequim.
- ❑ **ÁFRICA** com 9.657 mortes e mais de 382 mil infetados.
- ❑ **MÉXICO** registou no domingo 4.050 infeções e 267 mortes por covid-19, elevando o total de casos para 216.852 e de óbitos para 26.648
- ❑ **ÍNDIA** regista recorde diário de quase 20 mil infeções. Total de 548.318 casos e 16.475 vítimas mortais.



FRASES DO DIA

- **“A minha mulher dá-me múltiplos conselhos. Não comas demais, não comas fritos, não comas doces. E também não comas palavras. E eu tenho de escolher. Já comeu palavras? Tem de experimentar”,** António Costa, primeiro-ministro.
- **“É muito injusto quanto ao conjunto dos partidos políticos, à direita e à esquerda, que têm uma vida própria e dinâmica, mas também é muito injusto com o PS. A liberdade no PS nunca foi um problema. Foi sempre uma enorme vantagem e uma enorme qualidade. O PS foi fundado como partido da liberdade, e assim temos vivido, e portanto a liberdade de pensamento, a liberdade de expressão, nunca é um problema. Nem no PS nem fora do PS”,** António Costa, Primeiro Ministro.
- **“Há um mês estávamos num estado de euforia. Agora parece que entrámos em depressão. Antes, Portugal era "bestial". Agora, parece que somos umas "bestas". Nem 8 nem 80. Nem antes tivemos um milagre nem agora estamos perante um desastre. Há um problema sério, sim. Mas não é razão para dramatizar.”,** Luís Marques Mendes, Comentador.
- **“Terminou esta semana o processo judicial dos Vistos Gold. quando foi da investigação, da acusação e do julgamento, este caso teve grande destaque nos media. Agora que houve decisão final e que os arguidos mais mediáticos foram absolvidos não vi que o caso fosse notícia de primeira página em qualquer jornal nacional. Estamos perante uma derrota pesada do MP”,** Luís Marques Mendes, Comentador.
- **“Esperar pelos projectos do novo Fundo de Recuperação Europeu para colmatar a quebra abrupta da economia é deixar a recessão económica consolidar-se. É necessário, de forma proactiva, pôr o motor da economia a arrancar de novo e a forma mais rápida e eficiente de o fazer**

é através de grandes projectos de investimento público.”, Ricardo Amaral, Economista.

- **“Como Marta Temido “enterrou” o Turismo. De um governante espera-se que saiba para onde quer levar o país, que saiba explicar isso aos cidadãos (comunicação coerente) e que saiba executar.”, Camilo Lourenço, Comentador.**
- **“O problema da política em Portugal não é tanto o diagnóstico dos problemas ou a elaboração de planos para a sua solução. São importantes mas não são suficientes. O maior desafio é sobretudo a execução dos planos que são apresentados.”, António Pires de Lima, Empresário, ex-Ministro da Economia.**
- **“É a primeira vez que os Estados Unidos criam a impressão de ser um lugar que mete de pena”, Fintan O’Toole, Ensaísta irlandês.**
- **“Ainda vamos a tempo de corrigir e evitar que a nossa crise acabe por ser ainda mais grave por ter falhado o planeamento e organização da sociedade no pós-confinamento e por se terem transmitido mensagens equivocadas. Todos sabemos que quem está a gerir esta crise enfrenta uma enorme pressão, mas por vezes vale mais parar e planear. Ou simplesmente cumprir o que se disse que se ia fazer e não fez. Morrer na praia é que não.”, Helena Matos, Jornalista.**
- **“Salvar o capitalismo dos capitalistas. Se o modelo deseja sobreviver e ser sustentável, deve reconhecer os seus vícios e cuidar não apenas do interesse dos acionistas e da ambição de seus gestores, mas também das necessidades da população.”, Juan Luis Cebrián, Jornalista e ex-CEO da PRISA.**
- **“Há a ideia que a doença é ligeira e não tem complicações nos mais novos, porém, os hospitais estão cheios de pessoas que pensavam assim. Todos estamos em risco”, Filipe Froes, Pneumologista.**
- **“Apesar de não ter sido essa a nossa proposta, agradecemos muito o apoio do Estado português através de um empréstimo de emergência à**

TAP e aceitamos obviamente as medidas de controlo da utilização desse empréstimo", David Neeleman, acionista da TAP.

- “Tem sido um desastre. Não vamos adoçar as palavras, isto tem sido um pesadelo completo para o país. Passámos por um choque profundo”, Boris Johnson, Primeiro Ministro Britânico.
- **“O Governo tem trabalhado para que a “observação” da realidade portuguesa “seja vista como ela é, dinâmica”,** Jamila Madeira, Secretária de Estado adjunta e da Saúde.





ARTIGOS SELECIONADOS

TRABALHADORES CLANDESTINOS DO SECTOR DA CONSTRUÇÃO NO CENTRO DO COMBATE À PANDEMIA

Autoridade para as Condições de Trabalho, Direcção-Geral da Saúde e Instituto da Segurança Social criaram um gabinete de crise para conter os riscos de contágio que existem no sector da construção e sensibilizar toda a comunidade para a necessidade de prevenção no combate à pandemia

O sector da construção civil nunca esteve parado, nem durante o estado de emergência, mas só dois meses depois da eclosão da pandemia, e em concreto na região de Lisboa e Vale do Tejo é que começou a ser notícia e alvo de atenções por causa dos surtos de covid-19.

“Não se percebe por que motivo a contaminação aparece agora. Há construção civil na região de Lisboa mas também no Norte e no Algarve e não há explicação para o facto de acontecerem surtos de infeção em Lisboa e não nas outras regiões”, disse ao PÚBLICO um dos especialistas que participa nas reuniões regulares do Infarmed, dizendo que os técnicos de saúde não podem arriscar explicações definitivas para o que se passa na região de Lisboa.

Mas se não há explicações definitivas, há tentativas de compreensão do que se está a passar. E são essas tentativas que levam sindicatos e patrões, autoridades de saúde e das condições de trabalho a apontar para a necessidade de apertar as malhas do controlo à clandestinidade que grassa no sector.

Depois de perceberem que fazer raides às grandes empresas de construção – que tem muitos funcionários, mas também estrutura e regras a funcionar – não está a resolver o problema, a Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT), o Instituto da Segurança Social e a Direcção-Geral da Saúde criaram um grupo de trabalho para o qual chamaram

os representantes das associações das empresas de construção – a AECOPS e a AICCOPN – onde estão, em conjunto, a criar regras e normas de procedimento. Mas ainda há arestas a limar.

Numa indústria em que num único estaleiro de construção circulam funcionários de várias empresas, e em que cada um dos funcionários pode ter diferentes tipos de vínculos à entidade patronal, a preocupação recai sobretudo para os informais, que trabalham à jorna, de forma precária, e que por questões de sobrevivência saltam de estaleiro em estaleiro.

ALGUMA REGRAS, MUITAS EXCEPÇÕES

Sector da construção apela para a necessidade de alargar testes a todo o país

Sector da construção apela para a necessidade de alargar testes a todo o país

Desde o dia 10 de Junho que foi criada uma espécie de gabinete de crise, um grupo de trabalho que é integrado pela ACT, pelo Instituto da Segurança Social e pela Administração Regional de Saúde, que visa desenvolver uma campanha nacional de sensibilização, denominada “Construção Segura e Saudável”, onde pretende divulgar medidas no âmbito da prevenção, do acompanhamento do pessoal em obra e do risco de contágio, em articulação com todas as informações e orientações oficiais relevantes. Foi no âmbito desse grupo de trabalho que, num webinar realizada na semana passada, em que participaram mais de 400 representantes de empresas de construção, Rui Portugal, especialista em saúde pública e coordenador da estratégia do Ministério para a supressão da covid-19 na região de Lisboa, deu exemplos concretos das preocupações que estão em cima da mesa.

“As empresas podem seguir as regras e organizar os estaleiros em espaços onde não haja concentração, ou por os funcionários a circular por turnos. Mas se à entrada desse estaleiro estiver tudo junto antes de picar o ponto, já temos um aglomerado que é evitável”, elencou. E passou a outro exemplo de seguida: “sobre as máscaras. Numa das últimas visitas vi um grupo que estava a usar a máscara incorretamente. Mas não dava para lhes fazer grandes explicações, porque não sei falar gujarati”, afirmou, referindo-se a uma comunidade indo-paquistanesa.

A preocupação das autoridades sanitárias recai agora, e sobretudo, nas situações propiciadas pelas empresas de mão-de-obra subcontratada, e cujos trabalhadores são relativamente voláteis, passando de umas obras para as outras. “E dentro destes há situações de ‘informais’, pessoas que precisam de rendimento e cuja garantia que dão de que vão cumprir confinamentos, por exemplo, não é equivalente a um trabalhador que tem uma situação regular, que está inscrito na segurança social”, começou por recordar Rui Portugal.

O responsável acrescentou mais elementos a uma situação já de si complexa: “Um trabalhador destes, que tenha tido a determinação de ficar em casa, em isolamento, porque testou positivo, ou esteve próximo de alguém contaminado, mas não tem sintomas, vai aparecer três dias depois noutra estaleiro, e vai ser uma pessoa de risco que não devia lá estar. Há aqui um problema que urge resolver”, explica.

Rui Portugal diz que, na bateria de testes que foram realizados no sector no início do mês, uma grande parte dos casos positivos eram assintomáticos. Ainda assim, foram identificados como doentes, como estipulam as normas, estabeleceu-se a rede de segurança, que procurou isolar os contactos de proximidade e os familiares.

“Já percebemos é que não basta isolar as pessoas e os seus contactos na obra. Temos de perceber o enquadramento social e as condições que têm para cumprir o isolamento”, afirmou o delegado de saúde, dizendo que pedir a alguém que cumpra isolamento com toda a sua família de sete num alojamento de 30 metros quadrados “tem tudo para correr mal”.

NADA A ESCONDER

O presidente da Federação da Construção, Manuel Reis Campos, concorda com o diagnóstico, sublinhando que “não é dentro dos estaleiros e no ambiente de trabalho que há problemas”. “As empresas organizadas, com estrutura, têm equipamentos de proteção, têm regras. Quando o Ministério da Saúde quis entrar pelos estaleiros adentro, ninguém tinha nada a esconder. É importante que toda a gente saiba que este é um sector que se preocupa com a saúde e a segurança dos seus trabalhadores. Aliás, os 600 mil trabalhadores são o ativo mais importante do sector da construção”, afirma.

Apesar de discordarem em muitos pontos, neste aspeto em concreto há sintonia entre patrões e sindicato. Albano Ribeiro, presidente do Sindicato da Construção, também apontou, em declarações ao PÚBLICO, as diferenças que existem entre empresas e empresários.

“Ao fim de contas, e perante um vírus, devíamos ser todos iguais, e somos todos trabalhadores. Mas há muitas diferenças entre empresários e entre angariadores. Eu já estive em empresas onde há cantinas, e os funcionários comem por turnos para não se juntarem, e já estive em estaleiros em que está tudo ao monte num contentor, e não há máscara para ninguém”, denuncia. Por isso, insiste, era importante haver uma equipa de fiscalização em cada concelho do país – “e não apenas em Lisboa” – para detetar estas situações de informalidade e insegurança.

Essa era uma das propostas feitas pelas associações do sector, logo que eclodiu a pandemia. Preocupados com a opinião pública e com a necessidade de tranquilizarem trabalhadores e cidadãos para o facto de haver segurança e condições sanitárias nos estaleiros de obras, a AICCOPN e a AECOPS apresentaram um projeto para ser implementado de urgência, mas que pudesse perdurar depois da crise da covid-19.

Esse projeto passa pela criação de uma plataforma, integrada pelas autoridades sanitárias e para as condições de trabalho, que tivesse vários níveis de segurança, de forma a não pôr em causa a proteção de dados dos trabalhadores. O plano de “resiliência” apresentado passa por organizar o sector de forma a garantir o controlo sobre o que se passa dentro de cada estaleiro de obra e nos trajetos entre casa e o trabalho e interações com os familiares ou colegas.

Fonte: Público

CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES E CLIMA ECONÓMICO PROSSEGUEM RECUPERAÇÃO PARCIAL EM JUNHO - INE

Os indicadores de confiança dos consumidores e de clima económico mantiveram em junho a recuperação “parcial” iniciada em maio, após os mínimos atingidos em abril devido à pandemia de covid-19, divulgou hoje o Instituto Nacional de Estatística (INE). “O indicador de clima económico aumentou em maio e junho, sobretudo no último mês, após ter atingido em abril o valor mínimo da série. Os indicadores de confiança

recuperaram em todos os setores, com destaque para a indústria transformadora, que registou o maior aumento da série, depois de ter registado o mínimo da série no mês anterior”, apontam os Inquéritos de Conjuntura às Empresas e aos Consumidores do INE.

Segundo o instituto de estatística, na construção e obras públicas e no comércio os indicadores “recuperaram parcialmente” em maio e junho, tendo o indicador de confiança nos serviços aumentado em junho, após ter apresentado no mês anterior o valor mais baixo da série.

De acordo com o INE, os períodos de recolha de informação para os inquéritos de conjuntura decorreram entre 01 e 16 de junho, no caso do inquérito aos consumidores, e entre 01 e 23 de junho no caso dos inquéritos às empresas, “coincidindo com a terceira fase do plano de ‘desconfinamento’ (iniciada em 01 de junho) e com a fase final a partir de 15 de junho”.

Neste contexto, e para evidenciar alterações de muito curto prazo, o instituto diz que a análise efetuada se baseia “exclusivamente nos valores efetivos mensais (dados brutos ou corrigidos de sazonalidade)”.

Em junho, o aumento do indicador de confiança dos consumidores resultou do contributo positivo de todas as componentes, perspetivas relativas à evolução da situação económica do país, da condição financeira do agregado familiar e da realização de compras importantes, bem como das opiniões sobre a evolução passada da situação financeira do agregado familiar.

Quanto ao comportamento do indicador de confiança da indústria transformadora – que registou em junho “o maior aumento da série, após ter diminuído entre fevereiro e maio, tendo atingido o mínimo histórico da série na sequência da queda abrupta registada em abril” – refletiu os contributos positivos de todas as componentes, saldo das apreciações relativas à evolução da procura global, opiniões sobre os ‘stocks’ de produtos acabados e perspetivas de produção da empresa, “mais intenso no último caso”.

“O indicador aumentou expressivamente no agrupamento de ‘bens intermédios’, registando o maior aumento da série, após ter atingido o mínimo da série em maio. Nos

restantes agrupamentos, ‘bens de consumo’ e ‘bens de investimento’, o indicador recuperou em maio e junho”, nota o INE.

Já o indicador de confiança da construção e obras públicas recuperou parcialmente em maio e junho, depois de registar em abril a diminuição mais acentuada da série, tendo atingido o mínimo desde novembro de 2015, enquanto o indicador de confiança do comércio aumentou em maio e junho, após ter diminuído de forma expressiva em abril, quando atingiu o mínimo da série.

Quanto ao indicador de confiança dos serviços, aumentou em junho após ter diminuído entre fevereiro e maio, tendo registado em abril uma “queda abrupta” e atingido em maio um novo mínimo histórico da série.

O indicador de clima económico, que sintetiza os saldos de respostas extremas das questões relativas aos inquéritos às empresas, recuperou em maio e junho, “sobretudo no último mês, após a maior redução da série em abril face ao mês anterior e que originou um novo mínimo”.

Fonte: **Agência Lusa**

COVID-19: SENTIMENTO ECONÓMICO COM MAIOR SUBIDA MENSAL EM JUNHO NA ZONA EURO E EU

O sentimento económico recuperou cerca de 30% das quebras de março e abril, devidas à pandemia da covid-19, tendo registado em junho uma subida mensal recorde na zona euro e União Europeia (UE), segundo dados da Comissão Europeia.

Em junho, o sentimento económico aumentou 8,2 pontos para os 75,7 face a maio na zona euro e 8,1 pontos para os 74,8 na UE, segundo dados hoje divulgados pela Direção-Geral dos Assuntos Económicos e Financeiros da Comissão Europeia, as subidas mensais mais acentuadas registadas até agora em ambas as áreas.

O sentimento económico avançou, em junho, nas cinco maiores economias da zona euro, com maior expressão em França (9,4 pontos), seguindo-se a Holanda (8,3), Espanha e Itália (8,2 cada) e Alemanha (6,6).

O indicador de expectativas de emprego, por seu lado, subiu também pelo segundo mês consecutivo, com um avanço de 12,7 pontos para os 82,8 na zona euro e de 11,9 para os 82,7 na UE.

Em maio, o sentimento económico tinha já subido 2,7 pontos para os 67,5 na zona euro e 2,9 pontos para os 67,5 na UE, com as expectativas de emprego a crescerem, nesse mês, 11,2 em ambas as zonas (para os 70,1 pontos nos países do euro) e 70,8 nos 27 Estados-membros.

Fonte: Agência LUSA

BRAGA DA CRUZ: “AS MEDIDAS SOCIOECONÓMICAS TÊM QUE SER ADAPTADAS A CADA REGIÃO”.

Antigo ministro da Economia alerta que o país “não é homogéneo” e que as medidas sanitárias e socioeconómicas devem atender às especificidades do território.

Luís Braga da Cruz, ex-ministro da Economia e antigo presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, defende que o plano de recuperação da economia deve atender às realidades diferenciadas de cada região, salientando que o país “não é homogéneo”.

Em entrevista ao Jornal Económico, o engenheiro que ocupou o Ministério da Economia no governo de António Guterres alerta ainda para as consequências da exposição económica de Portugal a mercados como o espanhol, o francês e o alemão, no atual contexto de pandemia mundial.

“Qualquer plano de recuperação económica que venha por aí tem que contar com esta situação diferencial de território. E as soluções têm que ser construídas não de cima para baixo, mas de baixo para cima. Esse é um grande desafio que temos todos pela frente”, afirma.

Para o ex-governante as políticas adotadas pelo Governo têm de ser de natureza sanitária, mas têm que ser simultaneamente de natureza socioeconómica. Porém, alerta que estas “têm que ser adaptadas às circunstâncias de cada setor, de cada território, de cada região”.

Luís Braga da Cruz, que coordenou o webinar “Lições da Análise Territorial da Pandemia”, promovido pelo Conselho Económico e Social, sustenta-se nas conclusões dos vários intervenientes para explicar que as especificidades territoriais têm impacto quer na evolução da pandemia no território nacional, com níveis de incidência e mortalidade distintos, quer na retoma que se espera da economia.

“Portugal não é um país pequeno. Há dois terços dos países da União Europeia que têm ou menos área ou menos população que Portugal. Portugal apesar de ter um PIB per capita um valor abaixo da média da União Europeia, está em 19º lugar no ranking dos 27, está longe de ser um país homogéneo”, diz, acrescentando que “não ser homogéneo significa que tem diferenças físicas e humanas que reclamam uma atuação económica e social também diferenciada”.

“Quando ficamos surpreendidos como é que a Covid incide de forma tão diferenciada no território nacional é preciso compreender o resto. Compreender que o clima é diferente, a hidrologia, a estrutura fundiária, a distribuição demográfica, a especialização produtiva”, ressalva. “As singularidades justificam que haja tratamento diferenciado de cada território e para encontrar soluções perfeitas, que tenham expressão na economia e na coesão nacional, é muito importante que essa diferenciação seja tomada em linha de conta”.

Para este retrato, exemplifica com o contributo das NUT II para o crescimento da economia nacional. Entre 2000 a 2008, a Área Metropolitana de Lisboa contribuiu com 41% para o crescimento médio nacional, o Norte contribuiu com 24% e o Centro com 14,5% e o resto do país com o restante. No entanto, houve uma inversão nesta participação no crescimento entre 2013 e 2018 e o Norte já contribuiu com 38%, a Área Metropolitana de Lisboa desce para 27% e o contributo do Centro aumentou para 20%.

Braga da Cruz sustenta que esta evolução resulta do facto de as economias do Norte e Centro do país serem baseadas na produção de bens e serviços transacionáveis e orientadas para a exportação.

“A isto não é indiferente uma grande mudança que foi operada tanto no Norte como no Centro. No período de programação do atual Quadro 2020, a União Europeia obrigou cada região a fundamentar a justificação de transferência de recursos financeiros da União Europeia para esses períodos com as chamadas estratégias regionais de especialização. Passou a valorizar muito a produção de conhecimento nos centros tecnológicos e nas universidades, a inovação, o valor económico desse conhecimento e o esforço para a internacionalização”, vinca. “A Covid veio apanhar-nos

a meio deste ciclo virtuoso, especialmente destas regiões mais vocacionadas para a indústria transformadora”, acrescenta.

É com este enquadramento que sustenta que “as regiões mais abertas são, portanto, mais suscetíveis as oscilações exteriores. Qualquer variação da procura externa pode pôr em causa este crescimento. As soluções não são apenas de natureza sanitária, têm de ser soluções orientadas para a economia”.

Reconhecendo que a retoma económica “terá velocidades diferentes” em cada região, o ex-ministro realça que estará também dependente da “capacidade de adaptação dessas indústrias”. E deixa o recado: “Cada setor por si tem que dizer o que é que é importante para a sua retoma. Não há milagres de carácter homogéneo e universal”.

Considerando que as medidas económicas implementadas para fazer face à crise provocada pela pandemia foram “positivas”, sublinha que “são medidas temporárias podem-se estender um pouco mais, dependerá da ajuda europeia que venha por aí que pode mitigar o impacto negativo orçamental dessas medidas”.

“São medidas de proteção social, de criação de emprego e de pôr algumas das estruturas empresariais portuguesas a flutuar neste período de maior incerteza, mas depois têm que se fazer à vida sozinhas e tudo prevê que só possamos retomar níveis de PIB de 2019 lá para 2021, portanto vamos ter aqui um ano de algum ajustamento”, frisa. “Esse ajustamento pode ser crítico para as empresas que estiverem em maior debilidade. Há claramente empresas e setores de atividade que não vão retomar tão cedo a normalidade. Há situações que são delicadas”, acrescenta.

Recorda, neste sentido, que “estamos muito dependentes de determinados mercados. O mercado de Espanha representa 25% das nossas exportações, a nossa relação bilateral em termos de turismo também representa muito. Mas o excesso de dependência de certos mercados, no nosso caso Espanha, França, Alemanha, enquanto não normalizarem a procura, estamos também com problemas de ajustamento”.

Fonte: **Jornal Económico.**



OPINIÃO

O TURISMO EM PORTUGAL: CLEAN, SAFE & EMPTY- PEDRO SOUSA CARVALHO

O Reino Unido deve anunciar hoje que Portugal ficará fora dos “corredores aéreos” que abrem na próxima semana. É um duro golpe para o Algarve e para a Madeira.

As voltas que a vida dá. Há uns meses, muitos turistas que passeavam por bairros de Lisboa, como Alfama ou a Mouraria, eram olhados de lado, num misto de aborrecimento e irritação. Em Veneza, moradores chegaram a marchar pela cidade com cartazes a exigir “turistas, vão-se embora!”. Em Barcelona, alguém pintou numa rua, onde passam muitos turistas, “Gaudí odeia-te”.

Com a pandemia, o turismo parou e muitos são aqueles que hoje entram na Sagrada Família de Gaudí a pedir aos deuses o regresso dos turistas. As ruas de Alfama e da

Mouraria estão vazias e em Veneza as gôndolas continuam atracadas, num amargo 'fare niente'. É caso para dizer, nem oito, nem oitenta.

Para Portugal, a falta de turistas é um drama ainda maior. Na União Europeia, apenas quatro países dependem mais das receitas do turismo do que nós: Croácia, Chipre, Malta e Grécia. O turismo em Portugal emprega cerca de 400 mil trabalhadores, representa 14,6% do PIB e é a principal atividade económica exportadora. Vale 52,3% das exportações de serviços e 18,6% do total de exportações de bens e serviços.

Daí a importância da reabertura, a 1 de julho, das fronteiras de Schengen e a reabertura das cancelas com Espanha, com direito a honras de Estado. Segundo o Expresso, entre Caia e Badajoz vão estar o Presidente da República, o rei Felipe VI, António Costa e Pedro Sánchez.

O problema para Portugal é que nem todos os países querem abrir-nos as portas. A subida dos novos casos de Covid-19 nas últimas semanas já levou oito países a colocarem Portugal na lista negra: estamos proibidos de entrar na Dinamarca, Finlândia, Áustria, Lituânia, Eslováquia, Letónia, Chipre e Malta.

Se a maior parte destes países não nos aquece nem arrefece em termos de turismo, com o Reino Unido a história é outra. Os britânicos anunciam esta segunda-feira os países com os quais vão abrir a 6 de julho os "corredores aéreos" e, segundo a BBC, Portugal e a Suécia estarão excluídos.

Os turistas britânicos não vão ser propriamente proibidos de vir a Portugal. O problema é que no regresso têm de ficar 14 dias de quarentena, o que torna inviável a viagem. Claro que nada impede um turista britânico de viajar para um aeroporto em Espanha, seguir de automóvel até Portugal e, depois das férias, regressar ao seu país da mesma forma, de carro até Espanha e, daí, de avião para o Reino Unido. Só que, é preciso gostar muito de Portugal para dar esta grande volta.

A confirmar-se esta notícia da BBC, é um drama para o Algarve que anualmente costuma albergar três milhões de turistas britânicos.

O que podemos fazer para tentar amenizar este annus horribilis no turismo em Portugal? Sem melhorar os indicadores sanitários não há grande volta a dar. Nem vale a pena ir à CNN dizer que Portugal é um destino seguro para os turistas como fez o primeiro-ministro, nem lançar campanhas a publicitar 'The Algarve looks good on you'.

Segundo o Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças, Portugal é atualmente o segundo país europeu com o mais elevado número de casos ativos por 100 mil habitantes acumulados ao longo dos últimos 14 dias.

Podemos argumentar que temos muitos casos detetados porque fazemos mais testes do que os outros e que há países, como Espanha, que andam a torturar as estatísticas para ficarem bem na fotografia. Contudo, enquanto não conseguirmos contrariar o atual ritmo de crescimento de casos e quebrar as cadeias de transmissão na região de Lisboa, — ainda ontem foram contabilizados mais 457 novos casos, — não há grande volta a dar.

Controlada a pandemia, será mais fácil passar a mensagem e puxar dos nossos galões no turismo. Há dias, a Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE) conseguiu juntar num webinar sete dos últimos secretários de Estado do Turismo, desde Licínio Cunha (1978/1979), passando por Adolfo Mesquita Nunes (2013/2015), e claro está, Rita Marques, a atual titular da pasta. Todos elogiaram a “coerência em relação à política do turismo” que existiu em Portugal nas últimas décadas.

Esta coerência permitiu que, no ano passado, fôssemos eleitos o melhor destino turístico do mundo e o terceiro mais seguro. Este ano, e já com a pandemia, conseguimos ser o primeiro país europeu a receber o selo “Safe Travels” do Conselho Mundial de Viagens e Turismo. A campanha de certificação ‘clean & safe’ do Turismo de Portugal foi uma ideia simples e brilhante e a escolha de Portugal para final a final da Champions vai colocar o país novamente nos ecrãs de milhões de pessoas em todo o mundo.

Mas não chega. Quando os turistas estrangeiros chegarem a Portugal é preciso que os hotéis, os restaurantes, as empresas de animação, os rent-a-car, o alojamento local e os campos de golfe continuem a existir. O setor está a definhar e precisa de ajuda urgente. O lay-off e as linhas de crédito foram uma ajuda preciosa, mas insuficiente. Não basta ao setor ter custos baixos, é preciso ter alguma receita.

Uma forma de ajudar é entrar na guerra que muitos países na Europa estão a travar nesta altura, não pelos turistas dos outros, mas pelos seus próprios turistas. O mercado interno normalmente representa 30% do turismo em Portugal. Este ano, esta percentagem terá necessariamente de aumentar para que o setor sobreviva.

Devíamos seguir o exemplo italiano que resolveu dar uma ajuda de 500 euros a cada turista italiano que decida fazer férias em Itália. A ajuda foi dada a quem ganha menos de 40 mil euros/ano e 80% da ajuda é dada sob a forma de desconto no preço dos hotéis (que ganham um benefício fiscal na mesma proporção) e 20% ao próprio cliente, que ganha um crédito fiscal.

Dir-me-ão que é muito dinheiro. É verdade. Se déssemos 500 euros a 2 milhões de portugueses para irem de férias cá dentro, seria um rombo de mil milhões nos cofres públicos. Um rombo ou um investimento? É muito tendo em conta que o setor representa 14,6% do PIB? É muito tendo em conta os 1,2 mil milhões que o Governo se predispôs a injetar na TAP?

Há 15 dias, o Governo lançou uma campanha chamada #Tu Podes. Visita Portugal. Não chega. No dia em que o Governo lançou esta campanha, o primeiro-ministro referiu que tinha tido, recentemente, a oportunidade de visitar o Algarve e de ver a região como não a via desde os anos 60: “se me concedem um minuto para ser um cidadão egoísta, que bom que foi poder ver o Algarve sem ver as filas e as enchentes de sempre”. Sr. Primeiro-ministro, já passou um minuto.

Pedro Sousa Carvalho, Diretor Executivo do ECO.

Fonte: ECO



PRECISAMOS DE MAIS EUROPA NO CAMPO DA SAÚDE

Se a pandemia de covid-19 nos mostrou alguma coisa, foi que chegou a altura de mudarmos radicalmente a forma como encaramos a saúde e como nela investimos.

Todos os dias, ao longo dos últimos meses, milhares de manchetes destacaram os números mais recentes sobre o coronavírus. Estes números aumentaram a um ritmo tal que ninguém pode questionar a gravidade da situação. Embora os números tenham a sua própria forma de contar uma história, nunca devemos esquecer que por detrás de cada número está uma pessoa, com a sua própria história. Nunca esqueceremos o medo, a ansiedade, a dor e a tristeza que os cidadãos europeus sentiram nestes últimos meses – as nossas crianças, os nossos idosos, os nossos profissionais de saúde, família, amigos, vizinhos. Não houve ninguém que não tivesse sido afetado pela crise do coronavírus.

A covid-19 desafiou-nos a todos a nível mundial como nenhuma outra crise de saúde pública na nossa história recente. Em menos de seis meses, este vírus demonstrou claramente o impacto que a saúde tem nas nossas vidas, nas nossas economias, nas nossas sociedades – em quase todas as facetas da nossa vida quotidiana. Embora estejamos ainda no meio de uma pandemia, começamos lentamente a levantar a cabeça e a olhar para a frente – para a nova normalidade diante de nós.

Mas com os desafios, mesmo os mais difíceis, surgem as oportunidades. Como sempre fez no passado, a Europa retirará desta crise os ensinamentos devidos. Se uma situação destas voltasse a acontecer, não poderíamos repetir os mesmos erros – temos de estar mais bem preparados. Nunca mais queremos ver os nossos profissionais de saúde a ter de escolher quais os doentes que receberão o equipamento que lhes vai salvar a vida. Não queremos voltar a ver os Estados-membros a encerrar as fronteiras e a impedir que outros tenham acesso a medicamentos ou equipamentos de proteção essenciais. Não queremos ver regiões ou países sobrecarregados e incapazes de prestar os cuidados adequados a todas as pessoas que deles precisam, havendo, do outro lado da fronteira, camas de hospital vazias. Os nossos cidadãos esperam mais da Europa – e com razão. Este é um apelo que temos ouvido alto e bom som.

A nossa resposta é o novo programa EU4Health (Programa UE pela Saúde), que abre um novo capítulo na política de saúde da UE. Com o EU4Health, garantiremos uma melhor preparação no futuro para proteger os europeus em caso de crises de saúde e melhorar os cuidados prestados aos cidadãos europeus. Este é o programa de saúde mais ambicioso que a UE alguma vez teve, com um aumento de 2000% dos recursos financeiros e uma ambição clara de tornar a saúde uma das principais prioridades da UE.

Esta é a UE que mostra ambição e audácia e olha para além da covid-19. O valor de 9,4 mil milhões de euros fala por si. Se a pandemia de covid-19 nos mostrou alguma coisa, foi que chegou a altura de mudarmos radicalmente a forma como encaramos a saúde e como nela investimos.

A solidariedade permite salvar vidas. A saúde é, e continuará a ser, da competência dos Estados-membros. Mas os nossos cidadãos querem que a UE desempenhe um papel de liderança. E assim será

Pela primeira vez, a UE poderá constituir reservas de material médico e mobilizar profissionais de saúde — incluindo os chamados “médicos voadores” — que podem ser destacados em tempos de crise para onde esses recursos são mais necessários. Com o EU4Health, pretendemos ter à disposição, em permanência, o equipamento de proteção, os medicamentos e os dispositivos médicos necessários e garantir que sejam inovadores e tenham preços acessíveis.

Embora a covid-19 nos tenha ensinado que a Europa precisa de dar mais prioridade à saúde e ser capaz de responder melhor às epidemias e às ameaças imprevistas para a saúde, este novo programa não é apenas uma resposta à pandemia. O EU4Health ajudará também a concretizar o plano europeu de luta contra o cancro e uma nova e ambiciosa estratégia no domínio farmacêutico para a Europa, a fim de garantir medicamentos a preços acessíveis para todos, melhorar as condições para os doentes com doenças raras e para as pessoas com problemas de saúde mental e enfrentar os desafios associados à vacinação e à resistência aos agentes antimicrobianos.

Esta pandemia demonstrou que quando uma crise sanitária nos bate à porta, o individualismo vai contra os nossos próprios interesses. A solidariedade permite salvar

vidas. A saúde é, e continuará a ser, da competência dos Estados-membros. Mas os nossos cidadãos querem que a UE desempenhe um papel de liderança. E assim será.

Stella Kyriakides, Comissária europeia da Saúde e Segurança dos Alimentos.

Fonte: Público

